

Elementos de compreensão e produção textual

Lucas Santos Velez*

CAVALCANTE, M. M. Os Sentidos do Texto. São Paulo: Contexto, 2016

Com o objetivo de trazer contribuições para os professores de ensino médio, Mônica Magalhães Cavalcante, doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), buscou nesta produção abordar a linguística de texto nos eixos da compreensão e produção, mais especificamente, os elementos e critérios fundamentais para uma análise textual. A obra está dividida em sete capítulos e contempla texto, contexto, gêneros textuais (ou discursivos), sequências textuais, tópico textual-discursivo, as relações entre a referencialização e a coerência textual, os processos referenciais e seus usos, e por fim, as intertextualidades. Cada capítulo vem com uma profusão de exemplos e sugestões importantes de atividades recomendadas aos professores para que eles façam as devidas adaptações e as apliquem ao seu público-alvo.

Dando início à explanação dos elementos de análise textual, o capítulo *Texto, Contexto e Coerência* apresenta a ideia de que o texto é construído na escrita e reconstruído na leitura através da interação entre quem enuncia o texto, o cotexto (superfície textual), e quem compreende o texto. A noção de texto é dada como toda unidade de linguagem dotada de sentido, e apresenta três concepções básicas de texto, que, segundo Koch (2002), podem variar conforme a concepção de língua e de sujeito, são elas: a) texto como artefato lógico do pensamento, cabendo ao leitor captar a representação mental e intenções do produtor; b) texto como decodificação de ideias, cuja principal função seria transmitir informações a um interlocutor passivo; e por fim, c) texto como processo de interação em que os sujeitos são vistos como agentes sociais apoiados num contexto. A autora destaca também os tipos de conhecimento e contexto que ficam armazenados em nossa memória e são ativados no processo de compreensão e produção de sentido: a) conhecimento linguístico, que envolve todo o conhecimento acerca do uso de regras da língua; b) conhecimento enciclopédico, que se adquire na vivência de mundo; e c) conhecimento interacional,

que ocorre nos momentos de interação por meio da linguagem. Além disso, a autora coloca em questão a coerência diante de qualquer texto, utilizando-se de uma construção coparticipativa a partir do autor e sua intenção de se fazer entender e do leitor e seu contato com o material produzido. A partir disso, Charolles (1988) formula metarregras que avaliam a quebra de coerência dentro de um texto: a) continuidade, que aborda a retomada de elementos e ideias no decorrer do texto; b) progressão, que traz novas informações a respeito dos elementos retomados; c) não contradição, que afirma que as ocorrências no decorrer do texto não podem se contradizer e devem ser compatíveis; e d) articulação, que trata de como os fatos se relacionam uns com os outros.

Já no capítulo *Gêneros Discursivos*, Cavalcante (2016) discute o encaixe dos textos nos diferentes padrões de gêneros do discurso que são, ao mesmo tempo, estáveis por resultarem de atividades sociais estabelecidas ao longo do tempo, e instáveis por dependerem das práticas sociais que, com o passar do tempo, sofrem variação (CAVALCANTE, 2016, p. 49). Para que haja interação satisfatória entre os usuários da língua, são usadas formas específicas de comunicação; e a autora elenca três princípios fundamentais na relação entre o texto e seu gênero discursivo: a) o propósito comunicativo, no qual se localiza o intuito da produção daquele texto, que traz consigo um padrão textual e discursivo socialmente reconhecido (ibid, p.44); b) o suporte, definido como entidade que veicula os gêneros, sendo também uma forma de auxílio para o reconhecimento e escolha de determinado gênero discursivo (ibid, p.52); e, por fim, c) hipertextualidade, quando a autora destaca o uso de artifícios como sons, vídeos e escrita, todos unidos para a produção do sentido nos gêneros digitais (ibid, p.55).

Dando continuidade, no capítulo *Sequências Textuais*, a autora traz modos de organização estrutural do texto e define sequência textual como uma forma de composição textual que possui uma função específica (CAVALCANTE, 2016, p. 62), destacando seis tipos: a) narrativa, na qual são selecionados fatos e a história passa a ser desenvolvida com o intuito de manter a atenção do leitor/ouvinte em relação ao que se conta; b) argumentativa, na qual é defendido um ponto de vista, uma tese, e os argumentos para apoiá-la são gradativamente apresentados; c) explicativa, cujo principal objetivo é responder a uma pergunta visando apresentar razões e informações acerca de algo; d) descritiva, na qual se destaca a caracterização de objetos ou pessoas de modo objetivo ou subjetivo, através da utilização de formas nominais e adjetivos; e) injuntiva, a qual se destina à persuasão de seu destinatário para realizar alguma ação; e f) dialogal, na qual se tem uma conversação ou um diálogo comum, com o uso de diferentes formas de enunciação.

No capítulo *Tópico Discursivo*, a autora foca na centração temática

e na articulação dos subtemas ou subtópicos e define o título do capítulo como o tema central do texto que pode ser compreendido, não só na superfície textual, mas também pelo contexto teórico em que é utilizado. A autora destaca, com base em Jubran (1993), dois traços fundamentais desse fenômeno: a centração, ou o inter-relacionamento presente entre as unidades de sentido do texto, convergindo para o tópico central, e a organicidade, ou a propriedade na qual o tópico se apresenta em subtópicos, possuindo uma relação de interdependência dividida em dois planos – o plano vertical que diz respeito à “relação existente entre o tópico central e os subtópicos a ele subordinados” (CAVALCANTE, 2016, p. 88), e plano horizontal ou linear que concerne à “ordem em que os tópicos e subtópicos se apresentam” (ibid, p. 89).

No capítulo *Referenciação e Compreensão de Textos*, é apresentado o processo de referenciação como uma “atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2016, p. 98). Logo, há o conceito de referente como entidade construída a partir do texto e notada, geralmente, por meio do uso de expressões referenciais. Ao trazer as características da referenciação, a autora destaca: a) elaboração da realidade, quando afirma que os eventos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, logo, “sempre são reelaboradas a fim de que façam sentido” (CAVALCANTE, 2016, p. 105); b) negociação entre interlocutores, quando, para que a reelaboração da realidade aconteça, as ideias não se processem isoladamente na mente de cada participante da conversa, mas sim, numa conexão entre eles, uma cooperação para que haja compreensão de ambos (ibid., p. 110); e, por fim, c) trabalho sociocognitivo, o qual, na maioria absoluta dos casos, para que se entenda algo, precisa se associar aos conhecimentos sociais já vividos (fenômeno sociocognitivo), e assim, tendo posse deles, construir o sentido do texto.

Ao seguir para o capítulo *Expressões Referenciais e Suas Funções no Texto*, a autora destaca os três principais processos referenciais: a) introdução de referentes no texto, em que, através de expressões referenciais termos ainda não apresentados no texto são introduzidos, gerando sentido; b) anáfora, quando se tem a retomada de um referente por meio de expressões referenciais ainda não usadas, tendo em vista a existência de três tipos: anáfora direta – uso de novas expressões para um referente; anáfora indireta – um novo referente apresentado como já conhecido, por ser dedutível através do processamento sociocognitivo do texto; anáfora encapsuladora – resumo feito por uma expressão referencial de um conteúdo textual, incluindo outros conhecimentos do que está sendo referido; e por fim, c) dêixis – a localização e identificação de aspectos em relação a um contexto espaço temporal, para

que haja numa enunciação, um falante e um ouvinte. Desdobra-se em três tipos: dêixis pessoal – expressões que remetem aos interlocutores; dêixis espacial – informações de lugar, tendo como ponto de referência o local em que acontece a enunciação; e dêixis temporal – expressões que localizam no tempo do enunciador, determinados fatos.

Além disso, a autora destaca as funções textual-discursivas das expressões referenciais no texto: a) encapsulamento, uma palavra retoma um fato anterior, ou antecipa informações, centrando-as e organizando-as etc.; b) heterogeneidade enunciativa, um embate de vozes que pode representar discursos diferentes; c) convite para uma ativação na memória, quando a memória do interlocutor precisa ser usada para que o sentido se desenvolva através das próprias experiências; d) recategorização metafórica, quando se usa uma palavra que desempenha papel literal e metafórico, porém, há uma limitação no plano literal, e o sentido que predomina e se utiliza na construção do sentido é o metafórico. Há, ainda, muitas outras funções que, no texto, podem organizar, argumentar, resumir, introduzir etc.

Por fim, em *Intertextualidade*, de primeira instância, Cavalcante (2016) apresenta o conceito do título do capítulo como a relação que um texto estabelece com outros anteriores para que haja sentido, relações estas que se ramificam em dois tipos. Primeiro, relações de co-presença ou relações em que se percebem, por meio de evidências, fragmentos de textos previamente produzidos, que variam em: citação, quando se tem um trecho de um texto dentro de outro; plágio, quando se assume a autoria de um texto indevidamente; referência, quando há processo de remissão a outro texto, sem haver citação de algum trecho do mesmo; e por fim, alusão, quando há retomada implícita que apela para que a memória do leitor encontre o referente omitido. Segundo, relações de derivação, que acontecem quando um texto deriva de outro já existente: paródia, na qual se retrabalha um texto-fonte com o intuito de atingir novos propósitos comunicativos; travestimento burlesco, quando se tem um texto “baseado na reescrita de um estilo a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado” (PIÉGAY-GROS, 1996, p. 56-57); pastiche, ou imitação de um estilo ou traços de um autor; e por fim, paráfrase, a repetição de outro texto com o objetivo de esclarecê-lo com uma explicação própria.

A autora obteve êxito no enfoque das apresentações dos temas e na explicação deles ao longo do material, todos centrados na produção e compreensão de elementos textuais, com o objetivo de que o alunado possa construir sentido de maneira a compreender e analisar qualquer texto. É bastante significativa a utilização deste material para os professores de ensino médio, pois a explicação de alguns termos torna-se muito mais fácil devido às frequentes exemplificações. Outro ponto

positivo é a proposição de atividades ao final de cada capítulo diante dos temas trabalhados: apesar de destinado ao uso no ensino superior, os exercícios recomendados o tornam, para profissionais de língua portuguesa, um material que não traz apenas a exposição de conteúdos, mas também exercícios adequados para o ensino médio.

referências

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. Trad. Paulo Otoni. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P., (Orgs.). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988, p. 39-85.

JUBRAN, Clélia C. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*, v. 3: níveis de análise linguística. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1993.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

PIÉGAY-GROS, N. *Introduction à l'intertextualité*. Paris: Dunod, 1996.